



XIV ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO CENTRO OESTE

3384 - Trabalho Completo - XIV ANPED-CO (2018)

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

SABERES INFANTIS SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO: CORPOS PENSANTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Renata Aparecida Carbone Mizusaki - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES/PRODOUTORAL

Resumo: A escola enquanto espaço/tempo privilegiado de encontro e trocas de conhecimentos, noções, valores entre crianças de diferentes pertencas sociais, etnias, é também o palco dos estranhamentos, enfrentamentos e conflitos e, por isso estabelecer a possibilidade de construção de experiências identitárias positivas torna-se então um dos principais eixos do trabalho dos/as profissionais dessa modalidade. Nessa direção, essa pesquisa teve por objetivo compreender como meninos e meninas da Educação Infantil expressam suas noções a respeito dos papéis e funções sociais de gênero em situações cotidianas institucionais. Para alcançar tal intento, o estudo, já finalizado, caracterizado como qualitativo, descritivo e de inspiração etnográfica, foi realizado em salas do Pré I e Pré II, de uma escola de Vilhena- RO. Através de observações diretas junto às crianças foi possível interpretar que as crianças apresentaram discursos e comportamentos que indicaram a prevalência de noções centradas na normatividade masculina como figura de ordem e de poder, enquanto que, por outro lado, as meninas apresentaram comportamentos, atitudes e discursos de passividade e obediência, expressos efetivamente durante as brincadeiras.

Palavras-chave: Educação Infantil. Relações de gênero. Brincadeiras.

SABERES INFANTIS SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO: CORPOS PENSANTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Resumo: A escola enquanto espaço/tempo privilegiado de encontro e trocas de conhecimentos, noções, valores entre crianças de diferentes pertencas sociais, etnias, é também, o palco dos estranhamentos, enfrentamentos e conflitos e, por isso estabelecer a possibilidade de construção de experiências identitárias positivas torna-se então um dos principais eixos do trabalho dos/as profissionais dessa modalidade. Nessa direção, essa pesquisa teve por objetivo compreender como meninos e meninas da Educação Infantil expressam suas noções a respeito dos papéis e funções sociais de gênero em situações cotidianas institucionais. Para alcançar tal intento, o estudo, já finalizado, caracterizado como qualitativo, descritivo e de inspiração etnográfica, foi realizado em salas do Pré I e Pré II, de uma escola de Vilhena- RO. Através de observações diretas junto às crianças foi possível interpretar que as crianças apresentaram discursos e comportamentos que indicaram a prevalência de noções centradas na normatividade masculina como figura de ordem e de poder, enquanto que, por outro lado, as meninas apresentaram comportamentos, atitudes e discursos de passividade e obediência, expressos efetivamente durante as brincadeiras.

Palavras-chave: Educação Infantil. Relações de gênero. Brincadeiras.

Agência Financiadora: CAPES/Prodoutoral.

Opta-se pela publicação do texto nos anais do evento.

Introdução

Diferentes concepções acerca das crianças e das infâncias prevaleceram em momentos históricos e sociais distintos. De acordo com Siqueira (2011), as sociedades construíram crenças e ideias que ancoraram a elaboração de projetos e políticas voltadas para as crianças traduzindo com isso a expectativa cultural, econômica futura em relação a essa “categoria social de análise” (Siqueira, 2011).

Recentemente as crianças passaram a ser consideradas a partir de uma perspectiva que lhes credita uma visão mais afirmativa, do ponto de vista legal e também institucional. Contribuíram para essa mudança política e conceitual, os estudos oriundos de diferentes áreas do conhecimento, como a Pedagogia da Infância, a “Antropologia, a Psicologia, História e principalmente a Sociologia da Infância” (Sarmiento, 2008). Essa potência criadora de vida renascedora que rompe com o tempo cronológico, instalando-se num tempo real, potente, dilacerante é encontrada também em outros autores (Kohan 2008, Abramowicz, Levcovitz e Rodrigues 2009; Siqueira 2011). Essas lentes teórico-metodológicas tiram as crianças da marginalidade discursiva e pedagógica e as colocam no centro da produção do conhecimento e da cultura, saberes e identidades. A lógica orientadora deixa de ser a adultocêntrica para centrar-se numa dupla marca potente, a aceitação de que a criança é um ser com capacidades de coproduzir a escola e a Pedagogia; e, do reconhecimento de que ela é, agora, alguém, e não como um vir-a-ser cidadão ou adulto, um dia. Ela é um outro que interroga, provoca, inquieta “com seus corpos, valores, noções, saberes e didáticas” (Arroyo, 2012), abrindo sendas e tecendo novas tramas no tecido escolar e cultural, ao mesmo tempo em que desalinham os fazeres pedagógicos, educativos e escolares.

Esses novos caminhos podem ser renascidos pelas escolas com as crianças. Outros discursos, outras identidades, outras relações de cores, etnias, religiões, crenças, relações de gênero.

Entre essas provocações, as relações de gênero, aparecem como um questionamento à ordem sagrada da escola e dos ritos pedagógicos que alinham os discursos e os saberes sobre o corpo, o comportamento, as relações e as expectativas empenhadas nos projetos educativos e também socioculturais sobre o que é ser menino e o que é ser menina.

Notas teóricas sobre as relações de gênero e as infâncias

A escola de Educação Infantil, enquanto parte da Educação Básica, deve atender crianças de zero a cinco anos de idade, promovendo vivências, práticas e experiências com o conhecimento, com a cultura e com as relações interpessoais. Entre essas relações, destacam-se as relações de gênero, que integra o eixo das relações interpessoais, o conhecimento de si e do mundo, as diversidades. E, a escola enquanto espaço/tempo rico em agrupamentos de variáveis culturais, étnicas, religiosas e culturais deve promover uma relação qualitativamente dialogada entre perspectivas, padrões, contextos diferentes e historicamente construídos.

Conforme Viana e Finco (2009), enquanto direito e forma de socialização o questionamento das relações de gênero na Educação Infantil deve validar a inscrição de novos códigos e signos sociais de respeito à diversidade de saberes uma vez que, segundo as autoras, a escola educa não só o corpo, mas as crianças, suas condutas e limites.

Estudos anteriores sobre relações de gênero (Louro, 2003; Gomes, 2006; Viana e Finco, 2009;), revelam que na escola as relações e as identidades de gênero vão sendo inscritas nos corpos infantis de modos sutis, definindo e marcando os lugares e papéis sociais a partir de uma visão binária e sexista.

Compreendendo então o gênero para além de uma visão biológica, e amparando-a em relações e espaços de poder e que os sentidos, as expressões, valores, crenças a ele atreladas, (Scott, 1990;

Auad, 2003), a escola é chamada, cada vez mais, a inventar, junto com as crianças e jovens novos sentidos às relações que as cercam, aos projetos e dinâmicas institucionais em direção a tramas corporais, pensantes, mais dialogadas e flexíveis, superando o binarismo de gênero e o sexismo.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa, tal como a propõe Maffesoli (2011), para não ser dogmática, precisa estar atenta à vida social. Ela é, segundo o autor, uma atividade de escuta social, é uma constatação da realidade que permite nos mover junto com a vida, com os fenômenos e pessoas.

A escola é um terreno rico de diversidade, é um solo fértil de vida social, um coro de diferentes vozes infantis que vai traduzindo e dimensionando/tensionando o fenômeno multifacetado que se emoldura na dinâmica institucional escolar. A pesquisa, na tentativa de interpretar esse fenômeno e de produzir conhecimentos junto com seus atores sociais, com a vida social, torna-se também, pela aproximação, pela escuta e diálogo, uma forma de aprendizado.

Esta pesquisa, já finalizada, caracterizada como qualitativa, de inspiração etnográfica é uma aproximação, uma escuta, aprendizagem tecida com o universo compreendido a partir de conhecimentos partilhados e (re)construídos com os/as participantes.

A etnografia enquanto método de trabalho, ancorada em bases teóricas e conceituais permite a aproximação e a aprendizagem a partir do universo estudado, construindo com os/as participantes outros universos simbólicos e conceituais.

Na tentativa de aproximação do universo das crianças, e da produção de outros conhecimentos junto com elas, este estudo, teve por objetivo compreender como meninos e meninas da Educação Infantil, constroem suas crenças, noções e ideias sobre relações de gênero a partir de vivências escolares. Para atingir esse intento, a pesquisa foi realizada em uma escola do município de Vilhena- RO, onde foram feitas observações diretas das rotinas institucionais de crianças do Pré I e Pré II, no período vespertino. Todas as interações, falas, brincadeiras entre as crianças foram registradas em diário de campo, e posteriormente toda a descrição foi analisada de modo que os discursos infantis sobre as relações de gênero puderam ser compreendidos a partir do contexto e do tempo em que se produziram.

Resultados e Discussões

Através das observações diretas realizadas em salas de Pré I e Pré II de uma escola do município de Vilhena – RO, de toda a rotina institucional, as crianças partilharam seus saberes acerca das relações de gênero bem como sobre a vivenciação de papéis e funções que emergem dessas relações socioculturais, em diferentes momentos. Elas falaram, corporificaram e expressaram suas noções durante as atividades em sala de aula, mas foi, essencialmente durante as brincadeiras que elas mais evidenciaram o que pensam.

Em seus discursos, e na hora das brincadeiras e da brincadeira no parquinho, as crianças observadas, demonstraram ter padrões de referência de modo que o poder, o comando, a norma e a superioridade aparecem como prerrogativas masculinas, colocadas hierarquicamente em uma posição superior, já que as meninas tiveram mais comportamentos de passividade e obediência, reproduzindo assim uma tradição patriarcal de poder e de dominação masculinas historicamente arraigada em nossa cultura e sociedade.

Os meninos usaram a fantasia para se transportar para outros corpos de poder. Os super-heróis eram figuras importantes no imaginário infantil dos meninos para se reportarem a reafirmação identitária de comando, de força, de infinitude, como no relato a seguir:

Durante uma brincadeira no parque um menino, participando de um grande grupo de meninos, diz: “Eu sou o Wolverine. O Wolverine imortal”.

A entonação e a corporeidade foram dispositivos utilizados para composição da fantasia.

Em outra direção, as meninas comumente preferiam os jogos simbólicos, como brincar de casinha, de

mamãe-filhinha. Em outros momentos foi possível perceber que as meninas reproduziam atitudes de cuidado, cultural e socialmente esperadas de meninas, como no exemplo descrito abaixo.

Dois meninos chegam do banheiro. Um deles chora porque o outro fechou a porta em sua mão. Duas meninas vão ajudar a professora a cuidar da mão machucada. Uma delas acalma o menino enquanto lhe passa a mão na cabeça.

Em atividades de massinha foi possível perceber uma nítida diferença entre o que os meninos representavam e o que as meninas faziam com o recurso pedagógico. Os meninos faziam cobras e personagens da animação Bob Esponja enquanto as meninas faziam pulseiras e anéis, logo sendo imitadas por outras.

Em outro momento, percebe-se outra situação em que as relações de gênero aparecem bastante contrastadas.

Depois do lanche as crianças brincam com as massinhas. Depois de brincarem, a professora avisa que as crianças terão cinco minutinhos livres até a próxima atividade. Rapidamente, e sem nenhuma intervenção externa, as crianças formam dois grupos no centro da sala, um de meninos e um de meninas. O grupo de meninos, exercitando a força física, começam a fazer polichinelos. As meninas dançam levemente, como bailarinas. (Pré-escola II, vespertino).

Essas situações relatadas revelam que o cotidiano escolar, por meio de suas dinâmicas pedagógica e institucional marca profundamente a construção das identidades das crianças, inclusive no que se refere às relações e as identidades de gênero e isso não passa despercebido nos discursos e nas expressões corporeificadas das próprias crianças entre si. Por esta razão, nesses processos torna-se fundamental a intervenção docente orientada para a diversidade e o alargamento do campo conceitual das crianças de modo que sejam construídos discursos e noções alternativos para lugares e funções já cristalizados fazendo da experiência institucional e da experiência da infância nesses espaços uma vivência reveladora, transformadora, nova.

O brincar apresentou-se como um lugar/tempo/espaco fundamental para que as relações e representações de gênero pudessem ser percebidas pelas crianças. Essas ideias passam pelo corpo, pelas brincadeiras e pelos discursos num processo metamorfoseante.

Para Kishimoto (2001), o brincar e o corpo são o trajeto, o movimento para que a cultura se instale, se apresente, se represente. Na mesma direção, Gomes (s.d), afirma que a alegria, o riso e a ludicidade presentes nas brincadeiras das crianças atravessam, libertam-nas das interdições impostas nas escolas. O corpo liberto profana o chão sagrado/pedagógico, expressando o que lhes há de mais primitivo e autêntico nas infâncias brincantes. Para esse autor, a brincadeira está na centralidade da brincadeira da criança, faz parte de sua corporeidade.

Outros autores (Brougère, 1998, Porto, 1998, Corsaro 2002, Wajskop 2012) afirmam a importante relação estabelecida entre os brincantes para constituírem-se como indivíduos e como intérpretes e produtores de cultura, de novas leituras do mundo, de subterfúgios que os ajudem a enfrentar os horrores do mundo.

Constituir-se como ser vivente no mundo passa pelo atravessamento e pela restauração da palavra, do verbo, mas também do corpo. Corpo que brinca, que fala, que pensa, sente. Corpo potência, corpo criança, corpo saberes, corpo gêneros, corpo educação. Corpos que expressam, verbalizam os saberes, o pensamento, a cultura.

Para interpretar as representações das professoras das turmas observadas sobre a temática, foram realizadas entrevistas semi estruturadas com as docentes. Através de suas falas, foi possível perceber que as relações de gênero figuram como uma questão nova, difícil de ser trabalhada mas muito importante no cotidiano da escola e que, segundo elas, o apoio da equipe gestora é fundamental para uma postura pedagógica dinâmica, questionadora através do oferecimento de formação continuada e espaços de estudo e de reflexão.

Os relatos das professoras reiteram o que algumas estudiosas, como Cardona (2016) afirma acerca da necessidade de um trabalho consistente na formação inicial e continuada de professores/as para que outros discursos sejam possíveis, pois a lacuna sobre relações de gênero nos processos formativos podem ter como consequência a não intervenção docente por desconhecimento conceitual/prático.

Considerações Finais

A discussão sobre as relações de gênero aparece nos discursos das crianças, em suas expressões corpóreas. Dizem o que pensam enquanto brincam, inventam outros mundos. Dão pistas para a construção de uma escola nova, pensante, ouvinte. Iniciam o diálogo. Por isso, os(as) profissionais da Educação Infantil precisam atentar em suas práticas pedagógicas para as relações de gênero e para o oferecimento de um espaço/tempo/lugar que permita a criança ser, viver e experimentar outras possibilidades. Que elas possam estabelecer outros discursos, outros pensamentos, que se desenformem, “que tragam algo novo para um mundo velho” (Almeida, 2013), que desalinhem, que renasçam para outros lugares no mesmo mundo.

Uma escola promotora de pensamento está em constante estudo de si, em tempos de reflexão, de silêncios para a escuta das crianças, de seus dizeres, expressos pelos seus corpos em movimento, em ludicidade, em suas narrações maravilhadas do mundo, imbuídas de esperança. É uma escola tempo/espaço de criações, de invenções de símbolos, de discursos, de novas práticas e partilhas, de experiências de infâncias. Experiência no sentido proposto por Larrosa (2002), como aquilo que nos toca, nos provoca, nos empurra ao desconhecido como um impulso para um novo encontro consigo e com o mundo.

Referências Bibliográficas

- ABRAMOWICZ, A.; LECOVITZ, D.; RODRIGUES, T.C. Infâncias em Educação Infantil. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 179-197, set/dez, 2009.
- ALMEIDA, V.S, de. Recém-chegadas e estranhas: as crianças do mundo comum na obra de Hannah Arendt. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v.22, n. 49/1, p.229-247, mai/ago, 2013.
- ARROYO, M. Corpos precarizados que interrogam nossa ética profissional. In: ARROYO, M. G. SILVA da, M. R. (Orgs.) *Corpo-infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos* Petrópolis (RJ): Vozes, 2012, p. 23-54.
- AUAD, D. *Feminismo: que história é essa?* Rio de Janeiro. DP&A, 2003.
- _____. *Relações de gênero nas práticas escolares e a construção de um projeto de co-educação* FEUSP – GE: Gênero, Sexualidade e Educação/n.23 (s.d) – Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/z233.pdf. Acesso em 20/04/2012.
- BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. *Revista da Faculdade de Educação*. São Paulo: v.24, n. 2, 1998, s.p.
- CARDONA, M.J. *Infâncias e modelos de educação da infância* Atas do II Seminário Luso-Brasileiro de Educação de Infância. Braga, Portugal, 2016, p. 433-443.
- CORSARO, W. A. A Reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças. *Revista Educação, Sociedade e Culturas*, n. 17, p. 113-143, 2002.
- GOMES, V. L. O. A construção do feminino e do masculino no processo de cuidar crianças em pré-escolas. *Revista Texto, Contexto Enfermagem*. Florianópolis, n. 15, v. 1, p. 35-42, 2006.
- GOMES, C. F. *O corpo silenciado na escola: Notas Etnográficas sobre sua linguagem lúdica* (s.d), sem paginação. Disponível em: <http://www.univag.com.br/storage/post/11/08.pdf>.
- KISHIMOTO, T. M. A LDB e as instituições de Educação Infantil: desafios e perspectivas. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo: supl.4, p. 7-14, 2001.
- KOHAN, W.O. Infância e Filosofia. In: SARMENTO, M.; GOUVEA, M. C. S. *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis. Vozes, 2008, p. 40-61.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: n. 19, p.20-28, 2002.

LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogia da sexualidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

MAFFESOLI, M.; ICLE, G. Pesquisa como conhecimento compartilhado: uma entrevista com Michel Maffesoli. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: v. 36, n. 2, p. 521-532, 2011.

PORTO, C. L. Brinquedo e brincadeira na brinquedoteca. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. F. P. *Infância e produção cultural*. Campinas: Papirus, 1998, p. 177-205.

SARMENTO, M.; GOUVEA, M. C. S. *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis. Vozes, 2008.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol. 16, n. 2, p. 5-22, jul/dez 1990.

SIQUEIRA, R. M. *Do silêncio ao protagonismo: [manuscrito]: por uma leitura crítica das concepções de infância e criança*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação, 2011, 222 f.

VIANA, C.; FINCO, D. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. *Cadernos Pagu*, 33, p. 265-283, jul/dez 2009.

WAJSKOP, G. *Brincar na educação infantil: uma história que se repete* 9ª. edição. São Paulo. Cortez Editora, 2012.